

## A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO E DO AMBIENTE NAS TRANSFORMAÇÕES PSICOLÓGICAS DO PROTAGONISTA EM “SETE-ESTRELO”, CONTO DE MANUEL DA FONSECA

Larissa Ruth Siniak dos ANJOS (UFMT)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho pretende apresentar as alterações comportamentais e psicológicas da personagem Rui no conto “Sete-estrela”, extraído do livro *Aldeia Nova*, de Manuel da Fonseca. Após a partida de seus pais para a África, em busca de novas oportunidades que suprissem as necessidades financeiras da família, Rui entra em consonância com o ambiente sombrio, estabelecido pelos dias e noites chuvosos do inverno no Alentejo. Faz-se necessário ressaltar que até a década de 1970, o número de pessoas que deixavam Portugal era maior que o número de pessoas que entravam, conforme ressalta Ana Silvia Scott, no livro *Os Portugueses* (2010). Destarte, pretende-se mostrar a configuração do espaço e sua importância na obra citada, tendo como referencial teórico os autores Gaston Bachelard e Antônio Dimas nas obras *Poética do Espaço* (2008) e *Espaço e romance* (1985), respectivamente. Mediante a análise, pôde-se relacionar as reações de Rui ao espaço e ao ambiente, verificando-se que ora a angústia do garoto estava em conformidade com os fenômenos climáticos, quase aos moldes românticos; ora espaço e personagem se opunham totalmente. A ambientação é também responsável por conotar a psicologia de outras personagens, sendo possível dizer que é uma das categorias centrais tanto para o desenrolar da trama como para a configuração dos atores nela envolvidos.

**Palavras-chave:** Manuel da Fonseca. Conto “Sete-estrela”. Espaço.

### Introdução

“Sete-estrela” é um dos 12 contos inseridos no livro *Aldeia Nova*, no qual Manuel da Fonseca propõe-se a retratar a vida sofrida das vilas alentejanas em que se situam as raízes do próprio autor.

Manuel da Fonseca é um dos principais autores do neorealismo português. Adentrou na poesia com a coletânea *Rosa dos Ventos* (1940) e na ficção com os contos de *Aldeia Nova* (1942), dedicou-se, ainda, a escrever romances e crônicas.

É possível observar certa ordem cronológica entre os contos do livro, bem como o reaparecimento de personagens em contos diversos. Em “Sete-estrela”, por exemplo, há personagens mencionados no conto “O primeiro camarada que ficou no caminho”, tais como: Rui, seus pais e avós, Dr. André, Estróina, Tóino.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso – Cuiabá – Brasil – larissaruthanjos@yahoo.com.br

<sup>2</sup> “Sete-estrela”: nome vulgar da constelação de Plêiades (grupo de estrelas da constelação de Touro). É citado por Jó em duas passagens Bíblicas (Jó 9:9, 38:31) e também pelo profeta Amós (Amós 5:8)

“Sete-estrela” retoma o personagem Rui que se vê abandonado pelos pais, em plena infância, com a justificativa de que estariam atrás de um futuro melhor para ele. Assim como em “O primeiro camarada que ficou no caminho”, Rui fica aos cuidados dos avós, tentando encontrar explicações para a ausência dos progenitores, que partem em busca de emprego em outras aldeias do Alentejo.

Rui imagina que os pais foram para a África, então procura entre seus conhecidos alguma notícia sobre esse continente, contudo, se vê frustrado, pois não consegue muitas informações.

O conto apresenta uma situação comum em meados do século passado. Até a década de 1970, as pessoas que deixavam Portugal eram em maior número do que as que adentravam o país. De acordo com a autora do livro *Os Portugueses* (2010), Ana Silvia Scott, era muito comum os cidadãos portugueses deixarem a terra natal e irem para o Brasil, para as províncias ultramarinas portuguesas na África e também para países europeus.

A maioria dos portugueses que partiam esperava que a ausência da terra natal fosse temporária. A intenção dos emigrantes era trabalhar apenas alguns anos nos países escolhidos como destino de modo a bancar uma vida melhor na volta a Portugal.  
(...) A maioria dos emigrantes, entretanto, não cumpriu à risca o projeto de regressar a Portugal depois de um período fora de casa. (SCOTT, 2010, p.150)

A razão da emigração dos pais de Rui é a mesma explicitada por Scott, a fuga de uma economia decadente frente à industrialização e a mecanização da agricultura que ocorre na Europa e Estados Unidos.

A mudança dos pais de Rui deixa-o completamente transformado, psicológica e comportamentalmente, demonstrando consequências profundas e tantas vezes desconsideradas dos movimentos migratórios. (SCOTT, 2010)

Este estudo pretende mostrar as alterações de comportamento e pensamento do personagem Rui, antes e depois de seus pais o deixarem e relacionar as suas reações ao contexto espacial.

## **1 Análise das alterações comportamentais e psicológicas do personagem protagonista**

Desde a partida dos pais, é possível verificar as alterações comportamentais e psicológicas do personagem protagonista Rui.

Emblematicamente, a imagem da mão da mãe acenando para o filho na ocasião da separação é retomada inúmeras vezes no decorrer do conto, cena que marca a infância de Rui. Relembra-la faz com que predomine o ambiente psicológico, mosaico de memórias e saudades.

A cena de adeus dá-se após a mãe ter-se desapegado do filho e subido na diligência:

Deu um passo, jogou as mãos para frente. E, na subida que vai para as Cumeadas e tem um outeiro de cada lado, ficou o braço da mulher a acenar. Ficou assim por muito tempo nos olhos do menino. Já ele atravessava o largo a caminho de casa e ainda trazia nos olhos a mão da mãe, dizendo adeus. (FONSECA, p.64)

Sempre que lhe vinha a lembrança das mãos da mãe em despedida, o menino se desligava do momento presente, desapercibido do que estava se passando ao redor:

O menino não viu nem ouviu nada. Porque, de novo, o braço da mãe acenava com tanta nitidez que as lágrimas lhe rebentaram dos olhos. (FONSECA, p.65)  
Qualquer coisa se desligava da sua vida, e, de tudo o que fora, de leve e forte, só restava aquela mão, parada, num último adeus, lá na volta de um caminho. (FONSECA, p.65)

Manuel da Fonseca relata em vários momentos do conto como se dava a vida de Rui antes de seus pais partirem, sem deixar de descrever também como o protagonista concebeu essa separação. Vejam-se algumas dessas passagens:

Antes dos pais partirem andava por longe da vila brincando de ladrão. Saltava barrancos, atravessava estevais, perdia-se por córregos e cabeços até a noite por vir. Por toda a parte um sentimento de segurança o acompanhava. Vinha tranquilo ao voltar a casa. No largo ria-se da falta de astúcia dos «guardas», vencidos, sentados na beira do lancil. Comido o jantar, a mãe ia deitá-lo e o pai contava história até o sono vir. (FONSECA, p.65)

No parágrafo anteriormente citado, pode-se perceber que Rui levava uma vida de liberdade, gostava de brincar e sorrir, o ambiente deixava-lhe sempre presente sentimentos de segurança. Contudo, após a partida dos progenitores, o ambiente é totalmente transformado, assim como as atitudes e os sentimentos de Rui.

Agora, fosse ele a amarinhar pela esburacada ameia do castelo, fugindo aos «guardas» que lá em baixo tentavam segui-lo e, num momento, sentia-se desamparado na alta parede da torre e só à custa do seu esforço – só à custa

do seu esforço! – conseguia vencer o que faltava e saltar para dentro da ameia. Doíam-lhe os braços, jogava a vista em redor como se estivesse cercado, e um soluço inundava-lhe o peito. (FONSECA, p.65)

O sentimento de confiança que acompanhava Rui fora substituído pelo desamparo, antes sorria, agora o soluço inundava-lhe o peito. Além disso, não tinha aquela mesma destreza de escapar dos guardas, necessitava de um esforço sobre-humano para livrar-se deles.

Anteriormente, após o jantar, a mãe o punha a deitar e o pai lhe contava histórias, no entanto, agora não havia mais ninguém fazê-lo:

Ao tornar a casa, nem histórias havia para adormecê-lo, que o avô não consentia que lhas contassem. Depois do jantar, o avô falava de casos da sua vida. Mas mesmo isso só de onde em onde, quando tinham visitas. (...) Então também lhe pareciam histórias, mas não tinham fadas nem gigantes. (FONSECA, p.65)

Assim eram as falas do pai para o menino adormecer. Agora, para ali estava sozinho, cheio de sono, à espera de uma história parecida que o avô nunca mais contava. E quando tinha que fazer muita força para conservar os olhos bem abertos, mandavam-no deitar. (FONSECA, p.68)

Veja-se, na passagem abaixo, o quanto é radical a transformação de Rui:

O menino erguia-se, sentindo um arrepio de frio por ter mudado de posição. Abalava para o quarto de olhos quase fechados, roçando pelas paredes, batendo nas portas entreabertas. (FONSECA, p.68)

O menino que percorria caminhos perigosos em busca de aventura, passa a temer surpresas inclusive dos espaços mais conhecidos. Rui tem que tentar se equilibrar para conseguir caminhar nesse espaço que lhe proporciona tanto medo.

Outra passagem em que podemos detectar a instabilidade e a insegurança de Rui após a partida de seus pais ocorre quando o avô lhe pede para ir ao sótão para buscar um objeto que estava em cima da arca grande:

Nas primeiras vezes ainda a avó apareceu com uma vela para alumiar o caminho. O avô fitava o neto nos olhos e dizia que não era preciso luz nem companhia. Apressado, de modo a não perder a conversa, o menino subia a escada, andava o corredor do primeiro andar com a mão roçando pela parede, a orientar-se, e, pela outra escada, íngreme e estreita, entrava no sótão. Ouvia ratos fugirem na frente dos pés e isso fazia-o andar com maior atenção, tateando. (FONSECA, p.66)

De acordo com a *Poética do Espaço*, elaborada por Gaston Bachelard, a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade, cuja função primordial é abrigar e proteger. Bachelard afirma que o sótão é o que faz a casa estar enraizada no solo profundo, de resto inquietante e terrível, da terra e das rochas. Portanto, para o autor, subir ao sótão é ascender para a mais tranquila solidão. “No sótão, a experiência diurna pode sempre dissipar os medos da noite”. (BACHELARD, 2008, p. 37)

Entretanto, após a partida de seus pais, Rui não conseguia mais visualizar sua casa como um ambiente estável e, portanto, o sótão já não exercia a função de tranquilidade, conforme preconiza Bachelard, por isso, quando o seu avô lhe solicitava que fosse a esse compartimento, Rui sentia-se amedrontado; a solidão e o medo a acompanharem-no.

Na passagem citada, é possível identificar que, após a partida dos pais, a avó é quem tenta amparar o neto, ao perceber o temor de Rui, iluminava o caminho, enquanto o avô, encarregado da formação de Rui, insta-o a perder o medo.

Outro excerto comprova a transposição de afetividade da mãe para a avó:

Mas em vez da mãe era a avó que aparecia com um sorriso cravadinho de rugas. Era a avó que o ajudava a lavar-se, lhe puxava, com o pente, os cabelos para trás. Só por isto, logo aquela madrugada distante lhe vinha ao pensamento, com a mão acenando entre os dois outeiros. (FONSECA, p.69,70)

Ao receber os afetos da avó, automaticamente o pensamento de Rui se esvaia e retomava novamente a cena que marcou a sua infância profundamente, enclausurando-o no ambiente psicológico.

- **Engaiolado**

No conto analisado, é possível perceber o quanto Rui ansiava por retomar a liberdade que ele havia perdido desde que seus pais partiram. Manuel da Fonseca expressa com intensa clareza como as transformações do ambiente influenciaram as ações do protagonista:

(...) “Avô desde que a mãezinha partiu, sinto-me como um pássaro preso numa gaiola!” (FONSECA, p. 78)

Alguns passeios só duplicavam a sensação de aprisionamento. Um dos maiores temores de Rui era ter que visitar as suas tias – irmãs do avô, por sentir-se amedrontado e receoso na presença delas, Rui entendia a visita como um castigo. E, após a partida de seus pais, as visitas tornaram-se mais frequentes para sua tristeza.

Quando estavam os pais ia lá uma vez por acaso. E sempre acompanhado. Agora, não passavam muitos dias que não viesse aquele castigo. (FONSECA, p.75,76)

Ao chegar à casa das tias, Rui ouvia a cantiga da tia Isabel, o que lhe metia muito medo, então, se refugiava na cozinha, onde encontrava a criada para confortá-lo:

A criada sossegava-o. Dando-lhe um beijo e dizia-lhe que não tivesse medo, que as tias não faziam mal a ninguém. Do armário tirava um bolo, que o menino sem agradecer metia no bolso. (FONSECA, p. 76)

Pode-se notar como a organização do espaço habitado pelas tias colabora para provocar esse sentimento:

A sala, na penumbra, de estores corridos e madeiras encostadas, parecia a Rui assim uma coisa de morte. Pelas paredes, grandes retratos de gente com fatos que ninguém usava: móveis negros e altos: ao meio, uma mesa de pedra com um jarrão enorme mas sem flores. No silêncio, a cantiga da tia Isabel era um gemido longínquo. Só os olhos da velha refulgiam em toda aquela penumbra e solidão. (FONSECA, p.77)

O que podemos perceber é que a ambientação da sala, a morbidez dos móveis, a frieza do ambiente, além da falta de harmonia musical da cantiga entoada pela tia, são fatores que somados provocavam em Rui um sentimento de morte e temor, cujo ápice foi alcançado quando ele vai ao encontro de sua tia Alice para lhe dar um beijo e é recebido como um estranho e mentiroso, imediatamente é mandado sair da casa das tias. Contudo, foi preciso solicitar à criada que o acompanhasse até a porta, já que não tinha coragem para sair sozinho, pois a tia podia encontrá-lo de novo.

Ao sair, Rui começa a entrar em um conflito interno por não saber o que fazer, após ser tratado tão friamente por elas, gostaria de contar o acontecido para a avó, para o Estróina, ou então, para o avô, contudo, cogitou a possibilidade deles não o compreenderem. Resolveu então caminhar e seguir um destino incerto em busca da liberdade outrora perdida com a mudança de seus pais.

## **2. O espaço exterior**

Também o espaço externo é trabalhado por Fonseca em inter-relação com o íntimo de Rui. A mesma sensação de estar aprisionado em um espaço fechado pode ser intensificada pela manifestação do macro-espaço, a natureza exterior:

Estava era fechado na casa do avô, preso ao calor da lareira. E os caminhos e a própria vila estavam tolhidos pelas chuvas e ventos de Inverno. Nem uma porta se podia abrir, que o vento entrava furibundo e enchia a casa toda. Tudo tão feroz e grande para as suas pequenas forças!... (FONSECA, p. 66)

Nota-se que a estação e os fenômenos climáticos também colaboravam com o retraimento de Rui, ele nem sequer podia abrir a porta da casa, pois o vento se alastraria e dominaria as suas pequenas forças, portanto sentia-se preso ao calor da lareira, na qual encontrava conforto.

Antônio Dimas, em *Espaço e Romance* ressalta as definições e distinções que Osman Lins faz sobre *espaço* e *ambientação*. Lins define *ambientação dissimulada* ou *oblíqua*, como aquela que os atos da personagem (...) “vão fazendo surgir o que a cerca como se o espaço nascesse dos seus próprios gestos”. (DIMAS, 1985, p.26)

Pode-se identificar a *ambientação dissimulada*, conforme sugere Lins, no conto “Sete-estrela”, uma vez que segundo o referido autor, a ambientação dissimulada exige a personagem ativa, o que faz com que se crie uma harmonização altamente satisfatória entre espaço e a ação. Isso pode ser constatado no seguinte parágrafo do conto. Nele ainda pode-se perceber como as reações do ambiente estavam em consonância com as ações de Rui:

O menino desceu a rua e nem falou ao Estróina que lhe deu vaia – Olá! Mas, sem parar no largo, seguiu a estrada que passa pelo Pinhal do Concelho e, atrás de uma piteira, num sítio onde fazia sombra, sentou-se no chão. Assim esteve longo tempo sem atentar sequer no silêncio cortado pelas sombras esguias dos pinheiros. (FONSECA, p.64)

É importante perceber como as reações do ambiente estavam em consonância com as ações de Rui. Ele passou próximo ao Estróina e não lhe dirigiu a palavra, prosseguiu pela estrada sem indagar sequer uma frase, e desse modo se manteve em silêncio, assim também como permaneciam em *silêncio as sombras esguias dos pinheiros*.

Ora os fenômenos climáticos e a estação acompanhavam a angústia de Rui, ora se opunham totalmente. Quando a chuva insistia em cair e o inverno não havia se esvaecido completamente, o clima combinava com o ambiente psicológico do protagonista, contudo, quando o sol cismava em aparecer, opunha-se às reações de Rui.

No trecho abaixo, observa-se a harmonização entre o espaço e a ação.

Mas a maior parte dos dias era de chuva. O inverno ia no fim, pesado de águas. Rui encostava a cara ao vido da janela e deixava-se estar, horas e horas, vendo as cordas de chuva caindo. (FONSECA, p.70)

Já no fragmento a seguir, é possível detectar o antagonismo entre o espaço físico e o ambiente psicológico, o qual pode ser observado após as chuvas se findarem:

Tudo sorria debaixo do sol. E Rui, de longe, parado, sem tomar parte da alegria comunicativa das águas, murmurando ruas abaixo, até o largo, limpando tudo, fazendo os meninos pularem, imaginando grandes viagens para os seus pedaços de cortiça! (FONSECA, p.70)

Contrariando essa cena, ao final do conto, Rui é munido de uma força interior tão majestosa que o impulsiona a reagir. Ao sair da casa das tias, as quais demonstravam pouco afeto pelo sobrinho, Rui prossegue desesperadamente correndo ao encontro de sua liberdade. Fonseca não nos apresenta o destino exato da personagem, apenas indica que a sua intenção era correr até tombar de cansado e assim o fez.

### **Conclusão**

O trabalho se propôs a apresentar as conexões entre o espaço/ambiente e a psicologia do personagem-protagonista Rui, no conto “Sete-estrela”. Para tanto, foi desenvolvida a análise das alterações comportamentais do personagem ocorridas após a partida de seus pais à procura de melhores condições de vida.

Mediante a análise, pôde-se comparar as reações de Rui com o espaço e o ambiente e verificou-se que ora os fenômenos climáticos e a estação acompanhavam a angústia de Rui, ora se opunham totalmente. Portanto, conclui-se que o espaço possui bastante importância dentro do contexto narrativo, uma vez que impulsiona e influencia as ações de Rui. Essa característica de inserção do espaço como elemento salutar na narrativa é típica do neorrealismo e ocorre com frequência nos contos e também nos romances de Manuel da Fonseca.

### **Referências Bibliográficas**

- [1] BACHELARD, Gaston. *Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- [2] DIMAS, Antônio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1985.
- [3] FONSECA, Manuel da. *Aldeia Nova*. Lisboa: Editorial Caminho SA, 1984.
- [4] SCOTT, Ana Silvia. *Os portugueses*. São Paulo: Contexto, 2010.